

# NO PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 \* — BISSAU

## ADDIS ABEBA

### UM ACONTECIMENTO

Pela primeira vez nos anais da Organização da Unidade Africana — OUA — se não conseguiu chegar pelo compromisso à solução de um problema.

O repto desta vez era enorme! Durante três dias, quarenta e seis delegações de outros tantos países independentes do continente, encabeçadas por Chefes de Estado, Chefes de Governo ou Ministros de Negócios Estrangeiros reuniram-se em discussões por vezes volentas para encontrar em vão uma solução ao problema de Angola.

O resultado não podia ser outro na medida em que a questão não era abordada da mesma maneira pelos diferentes grupos de delegações presentes.

Por um lado, países como a Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Moçambique, Nigéria, Argélia, Guiné, Tanzânia, etc. defendiam a ideia de que o problema devia ser discutido partindo da realidade seguinte: que Angola é um país independente com um governo internacionalmente reconhecido por mais de vinte membros da OUA e outros tantos da ONU, cujo território está invadido por forças do exército regular da África do Sul de conluio com os chamados Movimentos de Libertação FNLA e UNITA. Para este grupo de países o problema a discutir era o da invasão de uma Angola independente e soberana pelo inimigo número um dos povos africanos aliado a angolanos que pela natureza mesma dessa aliança absurda tinham perdido todo o direito a ser considerados como Africanos.

Tratava-se pois, para este grupo de países sem compromissos, de decretar medidas imediatas para pôr termo à agressão sul-africana.

Do lado oposto, defendia-se a ideia de um cessar fogo imediato e a da retirada de todas as «forças estrangeiras» confundindo no mesmo significado a invasão dos racistas da África do Sul e a ajuda daqueles — União Soviética e Cuba — que a pedido do Governo reconhecido de um país independente tinham vindo justamente para o ajudarem a resistir à invasão.

Era aí que existia a grande contradição, porque é preciso bem conhecer os factos: a ajuda da União Soviética e de Cuba não se concretizou senão depois do onze de Novembro após o reconhecimento da República Popular de Angola pelos primeiros países africanos. Essa assistência só se

(Continua na pág. 8)

## CAMARADA LUIZ CABRAL NA CIMEIRA DA O.U.A.



### ‘Nós, combatentes da Guiné-Bissau, estamos prontos a ir morrer pela liberdade em Angola’

O camarada Presidente Luiz Cabral fez uma notável intervenção, durante a reunião extraordinária dos Chefes de Estado da O.U.A., em Addis Abeba, definindo claramente, uma vez mais, a nossa posição, face ao problema de Angola.

Apresentamos a seguir a tradução integral do discurso do camarada Presidente, pronunciado em francês e interrompido, frequentes vezes, por aplausos:

«Senhor Presidente,

Tomoo a palavra como Chefe de Estado da Guiné-Bissau e gostaria de falar igualmente como combatente da liberdade contra o colonialismo português».

«Sabe bem, senhor Presidente, que se hoje se fala da crise angolana e da independência de Angola, é porque nós, como combatentes da liberdade das antigas colónias portuguesas, batemo-nos pela independência dos nossos países.

«Na nossa terra libertamos dois terços do território nacional, proclamamos o estado soberano da Guiné-Bissau e tivemos a honra e o prazer de ver todos os estados africanos reconhecer a nossa independência recém proclamada. Tivemos também a honra de ter estado sempre ao lado dos nossos amigos chefes de estado africanos, antes do reconhecimento da Guiné-Bissau pelo governo português».

«Assim, graças à luta comum dos povos das ex-colónias portuguesas, o fascismo foi derrubado em Portugal, em 25 de Abril, e o novo governo português decidiu

conceder a independência aos países africanos ainda sob jugo colonial e reconhecer o nosso estado soberano da Guiné-Bissau».

«Graças também à nossa luta comum, vimos depois do 25 de Abril falsos nacionalistas passear nas capitais de certos países africanos e ao longo das suas fronteiras, e entrarem em massa nesses países, com auxílio de outras potências, para se proclamarem combatentes da liberdade».

(Continua na pág. 8)



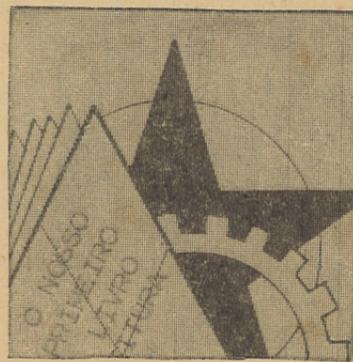
\* A OUA nunca aprofundou o problema da luta dos povos das colónias portuguesas

\* Os inimigos da R.P. A. se vencerem em Angola virão ao nosso país e a Moçambique

\* Não se pode falar em consciência africana sem pensar primeiramente na Libertação da África

\* A África do Sul, Namíbia, o Zimbábwe e uma parte de Angola estão ocupados pelos racistas sul-africanos

## EDUCAÇÃO



### Ano I da Organização

«Os bons alunos são, como os bons combatentes, os melhores militantes do nosso grande PAIGC».

Em colaboração com o Comissariado de Estado da Educação Nacional e Cultura, iniciamos hoje a publicação de uma página semanal que se destina a dar notícia das actividades escolares nos diversos pontos do país em todos os sectores de ensino, acompanhando os seus avanços ou reflectindo as suas dificuldades e problemas.

As nossas páginas estão naturalmente à disposição de todos para iniciativas semelhantes à dos camaradas do Comissariado da Educação que permitem ao nosso povo acompanhar de perto e participar cada vez mais activamente no esforço de Reconstrução Nacional. Hoje é a vez da Educação, Ano I da Organização: mais de 90 000 alunos nas escolas. Aguardamos notícias de outras frentes.

«Nô Pintcha!» (página 6)

Comissão de estudo dos prédios avisa

A Comissão de Estudo da Situação dos Prédios do Estado e dos Prédios de Propriedades Privadas, de acordo com a determinação superior, avisa todos os procuradores com poderes para administrar prédios pertencentes a nacionais e estrangeiros ausentes do nosso País, que devem apresentar na sua secretaria, até ao dia 31 do corrente mês de Janeiro, data em que tais poderes deverão transferir-se para o Banco Nacional da Guiné, nos termos do art.º 4.º do Dec. n.º 60/75, (B.O. 49/75), as contas correntes dos seus mandatos relativamente à administração dos prédios, juntando os justificativos das transferências cambiais que fizeram a favor daqueles mandatos, bem como os justificativos dos depósitos dos

Continua na página 8

O Comissário da Educação e Cultura visitou a região de Cacheu

Para se inteirar dos problemas ali existentes no domínio da educação deslocou-se na segunda-feira a Cantchungo o Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura, camarada Mário Cabral, acompanhado pela esposa camarada Beatriz Cabral, chefe do departamento do Ensino Primário, e por uma delegação de professores brasileiros e cubanos que se encontra de visita ao nosso país.

O camarada Mário Cabral foi recebido pelos camaradas Orlando Nhaga e António Fernandes (Moscovo), respectivamente presidente de Comité de Estado da Região de Cacheu e presidente do comité do sector de Cantchungo. Durante a sua permanência

neste Sector, o Comissário de Estado da Educação Nacional e Cultura presidiu a uma sessão de esclarecimento onde participaram responsáveis pela Educação na Região, directores escolares e professores. Foram analisados diversos assuntos de interesse para a região, particularmente os que respeitam à necessidade de preencher o quadro docente do país, a campanha de educação sanitária, a aplicação dos rendimentos da caixa escolar na compra de material escolar e a concessão de casas para residência de professores.

O camarada Mário Cabral e comitiva deslocaram-se de-

pois a Bachile, onde visitaram as instalações do internato.

EM BULA

A mesma equipa, chefiada pelo camarada Mário Cabral, deslocou-se igualmente a Bula, para contactar com os professores e alunos deste sector.

Foi recebida pelos camaradas Filipe Vieira, substituto do presidente do Comité, José Albino, delegado regional da Educação e Cultura, e Gabriel Djassi, responsável regional do ensino primário.

Após uma visita à vila, o camarada Mário Cabral reuniu-se com professores e alunos em frente da antiga «Escola Infante D. Henrique», que, a partir desse dia, passou a chamar-se «Escola 25 de Maio».

Num breve discurso, o Comissário da Educação, depois de referir os projectos do Partido e do Estado neste domínio, afirmou que os alunos são os combatentes da reconstrução nacional e que as suas armas são os livros.

A caminho de Cantchungo, a delegação deteve-se em C6, onde visitou o edifício destinado à escola de aperfeiçoamento dos professores, antigos combatentes.

Nesta localidade o camarada Mário Cabral foi recebido pelo responsável da Segurança, camarada Vitorino Sanca.

OTTO SCHACHT NO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ

Seguiu na passada quinta-feira, para a Finlândia, o camarada Otto Schacht, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado das Comunicações e Transportes, a fim de representar o nosso Partido e o nosso Governo numa reunião do Presidium, do Conselho Mundial da Paz que se inicia amanhã, prolongando-se até 18 do corrente, em Helsínquia, para discutir essencialmente o caso de Angola.

À partida, o camarada Otto Schacht afirmou mais uma vez a nossa posição perante este problema salientando:

«A nossa posição já estava bem defendida e clara perante o novo estado africano. Nós somos defensores intransigentes da justa causa do MPLA. O nosso Partido e o nosso Estado não reconhecem qualquer grupo que queira roubar o direito do povo angolano, em Angola, ajudado por forças estrangeiras».

«Nós pensamos, disse para terminar que o MPLA de facto é o único Partido honesto e criado para defender os legítimos interesses do povo Angolano».

RESPONDE O POVO

Concorda com o preço da mancarra?

Com vista a estimular os agricultores, de cujo trabalho depende, em grande parte, o futuro do nosso País, e a reduzir as diferenças de nível de vida entre o campo e a cidade, o Governo aumentou para o dobro o preço da mancarra no produtor.

Que pensam desta medida os trabalhadores da cidade?

ANTÓNIO CORREIA (Escriturário)

«Que eu saiba, o preço de venda da mancarra subiu para 4\$50, no interior e 5\$00, em Bissau. Este preço, em relação ao antigo, já não é nada mau para um lavrador. Na minha maneira de ver, este é um modo de incentivar o espírito martirizado dos agricultores da nossa terra, para que aumentem a produção e se sintam compensados pelo seu trabalho».

«Eu não sou agricultor mas o meu pai cultiva arroz. Conheço mais ou menos os problemas do campo. Portanto, se este ano se cultivou muita mancarra, não há dúvida que, para o ano, a produção aumentará».

JOSÉ DA SILVA (Marinheiro)

«Tal como no ano passado foi aumentado o preço de venda de arroz, pelos cultivadores, o que

fez com que a produção aumentasse, este ano, com a subida de preço da mancarra, a produção deste produto será maior também».

«Pode acontecer que nestes primeiros anos, o nosso Estado não venha a poder satisfazer, logo de imediato, os vendedores de mancarra, o que, para um lavrador «falido», é um bocado desencorajador. Mas, desde que os agricultores compreendam a situação, não há problemas, porque se lhes passarem um recibo em vez do dinheiro, claro que o dinheiro é deles. Recebê-lo mais cedo ou mais tarde».

ERNESTO GOMES (Empregado da J.A.P.G.)

«Já começou a campanha de venda da mancarra no nosso país. É nesta época que os camponeses começam a viver do fruto do seu trabalho durante o ano. Com a chegada do

nosso Partido, o preço da mancarra e de arroz foi alterado em benefício daqueles que praticam o trabalho de lavoura. Estomada de medidas deve-se ao facto de o nosso Governo querer mostrar ao povo que a agricultura ocupa o primeiro lugar na nossa economia, pelo que é justo pagar aos agricultores o suficiente para trabalharem com mais vontade».

«Eu não sou lavrador, mas nas épocas de lavoura costumo participar na lavoura de mancarra, arroz e hortaliças».

Tenho uma sugestão a dar no que diz respeito ao preço: à medida que vai aumentando a produção de arroz ou da mancarra, nos anos seguintes, o preço que os lavradores os vendem devia ser também aumentado proporcionalmente ao aumento produtivo, pois eles precisam de comprar coisas na cidade que são muito caras».



NÔ PINTCHA

Órgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo

Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano ..... 400\$00  
6 meses ..... 250\$00

Outros Países Africanos e Portugal

1 ano ..... 500\$00  
6 meses ..... 300\$00

Serviços de Distribuição e Vendas do «NÔ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINE-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «Higiene» — Rua Ant6nio N'Bana, telefone, 2520.

AMANHÃ — «Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone, 2702.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2866/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSOES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — As 18,30 horas — «Uma

Pistola Na Mão do Diabo» —

maiores de 13 anos.

## S. Vicente: uma ilha de problemas à procura de soluções

O desenvolvimento económico e Social da Ilha de S. Vicente faz parte das preocupações imediatas dos dirigentes de Cabo Verde.

Essa preocupação, que esteve na origem da classificação de S. Vicente como «zona prioritária», foi uma vez mais confirmada na recente deslocação à ilha do presidente da República de Cabo Verde, camarada Aristides Pereira, que ali presidiu a uma sessão do Conselho de Ministros, no qual foram discutidos exaustivamente os problemas locais e da região de Barlavento.

O estudo dos problemas no local, em contacto com as populações que os sentem directamente, permite, sem dúvida encontrar as soluções mais adequadas, de acordo com os meios que o jovem Estado dispõe.

S. Vicente é, com efeito, uma ilha de problemas. Ao longo de cinco séculos de ocupação, a administração colonial limitou-se a explorar os seus recursos naturais, sem a mínima preocupação de investimento, que permitisse assegurar o crescimento e a estabilidade económica da ilha e o bem estar dos seus 40 mil habitantes, concentrados, principalmente, na cidade do Mindelo, à volta do Porto Grande. E assim no momento em que o país alcançou a independência política, a Ilha não dispunha de qualquer infraestrutura capaz de permitir o arranque da economia. Os dirigentes do país encontraram-se perante a necessidade de partir do zero.

Como se isto não bastasse, S. Vicente sofre, neste momento, os efeitos sociais do desmoronamento de um desenvolvimento fictício.

### Organização das mulheres

A Comissão da Organização das Mulheres da Ilha de S. Vicente encontrou-se com as mulheres de todas as secções, numa reunião em que foram explanadas as actividades da organização, e considerada Bela Vista como zona prioritária da actualização, devido à abertura, em breve, do Centro Materno-Infantil.

Por outro lado, a Comissão Dinamizadora da mesma Organização reuniu-se com o camarada médico Rogério, afim de definir as linhas de orientação do Centro Materno-Infantil.

Fictício porque se baseava exclusivamente na troca de bens e na prestação de serviços, sem que se verificasse qualquer acréscimo da capacidade produtiva. Para isso, teriam sido necessários investimentos. E investir em Cabo Verde, foi coisa que os governos portugueses não se lembraram de fazer, nem mesmo quando, por influência da conjuntura capitalista mundial, a situação atingiu o seu ponto crítico.

### UM PORTO ABERTO À EXPLORAÇÃO ESTRANGEIRA

Durante muitos anos, o crescimento de S. Vicente centrou-se à volta do porto. A cidade do Mindelo nasceu e cresceu para servir a navegação entre a Europa e a América do Sul, cujo domínio, no século XIX, pertencia ao capitalismo inglês. Sendo Portugal uma semi-colónia da Grã-Bretanha, S. Vicente tornou-se uma espécie de enclave britânico, onde os barcos ingleses vinham abastecer-se de carvão, nas suas viagens transatlânticas, quando iam buscar matérias primas e levar produtos acabados às colónias da América do Sul.

Este aproveitamento do porto, devido às suas excelentes condições naturais, não exigiu mais do que um investimento reduzido, em troca da exploração da mão de obra barata aqui recrutada. Milhares de pessoas encontraram no porto ocupações ou expedientes que lhes permitiam viver e a cidade ganhou um certo ar de progresso, que as companhias inglesas e italianas reforçavam.

Mas a evolução da técnica levou os armadores a substituir os barcos a carvão por grandes navios movidos a combustível líquido, que não necessitavam de fazer escala a meio do caminho. Assim começou a decadência do Porto Grande, que veio a acentuar-se com a subida do preço do petróleo. O número de barcos veio diminuindo gradualmente e o porto perdeu a sua posição privilegiada no desenvolvimento da Ilha. Começou então a fase de desemprego generalizado, com todas as consequências sociais daí decorrentes.

A crise da ilha pode ser atenuada durante algum tempo graças à intervenção de factores como a emigração de caboverdianos para a Holanda. As remessas de divisas constituíam um factor de equilíbrio da balança de pagamentos e permitiam ostentar um certo progresso, na medida em que eram investidas na construção de moradias. Por outro lado, a existência de uma base militar e a criação das infraestruturas para a base naval da NATO permitiu uma certa movimentação de meios financeiros e um relativo aumento da actividade comercial. Mas, como é evidente, nenhum destes «benefícios» com que a ilha foi contemplada foram postos ao serviço do povo caboverdiano e, nem sequer, do povo português. Quando, com o derrube

do regime fascista português, souo a «hora da verdade», a situação era catastrófica.

### O DESENVOLVIMENTO PASSA PELA CONSCIENCIALIZAÇÃO

Como resolver a crise? Conforme salientou o Primeiro Ministro de Cabo Verde, camarada Pedro Pires, em declarações prestadas ao «Nô Pintcha» à partida para a Cimeira de Addis-Abeba, o desenvolvimento económico de S. Vicente tem que assentar em bases novas. Numa região sem potencialidades agrícolas, essas bases só podem ser industriais.

Com vista a manter as tradições marítimas da Ilha, e a aproveitar as suas possibilidades neste domínio, o Porto Grande de S. Vicente vai ser reestruturado, com o auxílio da Holanda. A cooperação de outros países amigos, como a Jugoslávia e a Roménia, poderá levar a aprofundar o aproveitamento do porto, designadamente através da construção e reparação naval. Este plano exige, no entanto, estudos cuidados e grandes investimentos e auxílios externos. A mais curto prazo, pensa-se lançar mão da indústria da construção civil. A Ilha precisa de obras (melhoramentos, habitações, edifícios públicos) e o Estado está interessado em criar empregos de utilidade real.

Estão em apreciação projectos de empresas industriais de certa envergadura, como, por exemplo, fábricas de tabacos, de empacotamento de leite em pó, de torrefacção de café, de calçado, de confecções e de detergentes. Enquanto estes projectos não se concretizam, é possível pôr em prática empreendimentos mais modestos: pequenas oficinas e cooperativas de produção, nos domínios da pesca, do artesanato, da marcenaria, das feragens, etc.

Na impossibilidade de soluções de fundo imediatas para os problemas sociais (agravados com a chegada dos retornados de Angola) com que a população se debate, o Governo tem criado paliativos destinados a minorar a gravidade dos casos mais prementes. Nesse âmbito se inclui a ajuda alimentar, proporcionada por alguns países estrangeiros e organizações internacionais.

### Divisão administrativa

Realizou-se na passada segunda-feira no Comité de Missirá (Bissorá), uma jornada de trabalho voluntário que se destina à construção de uma escola para alunos da escola pre-primária daquele Comité.

Participaram os membros do Comité de Base e a população em geral, sob a direcção do camarada Wagna Tchuda, vice-presidente do Comité de Estado do Sector de Bissorá.



Amílcar Cabral

## «Combater a corrupção»

«Noutros países há combatentes com as pernas cortadas que pedem pernas especiais para avançarem outra vez para a luta. Há outros países, comissários políticos, por exemplo, que em plena guerra são feridos num braço, o médico diz que tem que ficar seis meses para curar o braço. Eles pedem para cortar o braço, porque assim curam-se em 15 dias e podem continuar a luta. Porque um comissário político só precisa de cabeça, mesmo sem braços pode trabalhar.»

«Na nossa terra há comissários políticos que se têm a sorte de ferir um dedo, já é pretexto para parar, já não podem mais.»

«Camaradas, felizmente não é a maioria da nossa gente que é assim, não é toda a gente. Felizmente há muitos camaradas que têm balas no corpo e estão pegados tesos no nosso trabalho e que às vezes, nós é que temos que os convencer para saírem da luta. Há camaradas que já se feriram três vezes, quatro vezes, que estão pegados tesos na luta, cada dia com mais entusiasmo, com mais coragem. Esses é que são donos do nosso Partido, camaradas, esses é que são os donos do futuro da nossa terra, de certeza. Esses é que são os novos dirigentes e eu, em particular, digo-lhes: camaradas, vocês é que são a minha força. Alguns estão aqui sentados. Vocês é que são a força de nós todos e vocês é que justificam todos os sacrifícios que fazemos para andarmos para a frente. Camaradas que já se feriram, por exemplo, um que não está aqui, o camarada Kemo, ferido, sem acabar de se curar ainda, há um ataque, ele volta atrás para ir atacar, não é verdade camaradas? Na Europa mandamo-lo para ir tratar-se e o seu único desejo era voltar depressa. E de facto no dia em que eu fui lá, a essa terra, para o ir ver, por acaso, ele estava no aeroporto para vir directamente para o mato, sem pedir nada, sem discutir nada. Porque há outros que, quando são feridos ou doentes, procuram logo a ocasião para exigirem coisas ao Partido, como se pedisse que o Partido lhe pague. Esses camaradas que de facto não exigem nada, dando o seu sacrifício, o seu esforço, a sua energia, esses camaradas, estão a fazer não só a luta armada ou política, mas também nos ajudam grandemente na nossa resistência económica diante do inimigo que queremos destruir economicamente.»

«Devemos evitar de facto o esbanjamento, quer dizer, gastar coisas que podemos poupar, devemos evitar isso. Particularmente na comida mesmo por exemplo, na nossa escola, no Lar, noutros sítios, às vezes fica muita comida, muito arroz, que outras pessoas vêm buscar esses restos, para irem criar porcos. Porque nós não fazemos esforços para medir o arroz suficiente, que chega para os camaradas, para pouparmos o arroz do Partido. Camaradas que em Conakry, ou em Ziguinchor, que usam o carro, dão o máximo de voltas e mais voltas, quando é possível resolverem os seus problemas com poucas voltas. Além daqueles que tendo voltas a dar e podendo ir ao mesmo tempo, no mesmo carro com outras pessoas, negam, até se escondem para então irem sózinhos. Não sabem que isso é só para gastar gasolina e criar problemas ao Partido.»

«Temos que combater na nossa resistência económica tudo o que é malandrice, roubo, corrupção, gente corrompida, que aproveita as oportunidades para roubar, tanto o dinheiro que o Partido lhe põe na mão para administrar — um Lar, Internato, ou qualquer outra coisa, como tomar vacas, apanhá-las e mandar vender fora da terra, por exemplo.»

# A ÁFRICA NA HORA DA ESCOLHA

«Enquanto a lista dos países que, no mundo inteiro, reconhecem a República Popular de Angola, fundada em 11 de Novembro pelo MPLA, não cessa de crescer um muro de vergonha e de embaraço que encerra o «governo» secessionista Holden-Savimbi no mesmo ghetto em que se consumiram as experiências do Biafra e do Katanga.

Hoje em dia, mesmo os padrinhos e os cúmplices da FNLA e da UNITA não têm coragem suficiente para reconhecer esses movimentos tribelistas suportados por tropas estrangeiras e mercenários de todas as origens. Nem um único Chefe de Estado africano ousa impor ao seu povo a vergonha de se aliar oficialmente àqueles que, sob pretexto de quererem «libertar» o seu país se batem à sombra da bandeira sul-africana.

O rumo tomado pela crise angolana abalou a África. «Hoje — escreve o «Foudhjid» no seu editorial de 1 de Novembro — o problema angolano é claro. A FNLA e a UNITA encontram-se no campo imperialista, quer dizer, ao lado dos inimigos de África. O povo angolano identificou-se completamente com o MPLA, sua vanguarda. A África tem o dever de denunciar os inimigos desse povo e de os combater. É o futuro de todo o continente que está em jogo».

Esta realidade, de que a opinião africana mais esclarecida parece doravante estar consciente, fez no entanto explodir em frente de todos um certo número de contradições à escala continental. Nomeadamente, ao nível da OUA.

## DEMISSÃO!...

Desde que a Organização da Unidade Africana, aquando da última cimeira em Campala, se ocupou da questão angolana, mil manobras foram feitas para evitar a adopção da única linha correcta: a denúncia das ligações entre a FNLA/UNITA e a África do Sul, da entrada das tropas zairenses em Angola com a cumplicidade do Exército português, do recrutamento de mercenários vindos dos países da OTAN. Pelo contrário, tudo foi feito para obrigar a OUA

a comprometer o seu prestígio numa «mediação» impossível que não poderia conduzir senão a uma declaração de impotência. É o efeito dos esforços do facto que o drama angolano se desenrolou num momento em que a direcção da OUA está confiada a homens que não somente não estão à altura das suas responsabilidades, como estão longe de representar as aspirações dos povos da África. Se o secretário-geral, Eteki, brilha pela incapacidade de representar qualquer papel que não seja o de aliado de Mobutu e das forças que o apoiam, o presidente em exercício, por seu lado, não faz mais do que acrescentar mais confusão à já existente.

Erguendo-se em 5 de Novembro contra um apelo do general Amin para uma intervenção armada da OUA em Angola, o presidente Sekou Touré escrevia-lhe: «Pensamos que estão a enganar-vos, pois não podeis pedir à OUA que cometa um tal crime contra o povo angolano. «O que não impediu o Chefe de Estado ugandês, herói da propaganda zairenses nas últimas semanas, de insultar em 12 de Novembro as forças revolucionárias do mundo inteiro, ao afirmar numa mensagem ao MPLA: «(...) Eu não respeitaria nenhum país que tomasse partido na questão angolana...» (!)

É o presidente guineense teve de reagir numa mensagem endereçada aos presidentes Nyerere e Kaunda: «Após o reconhecimento da República Popular de Angola pela maioria dos Estados membros da OUA, nós devemos reclamar a demissão de Idi Amin Dada presidente em exercício da OUA, por traição à África. Nenhum compromisso com a política de Idi Amin Dada deve ser tolerado. A conjuntura africana ficou clarificada graças à clivagem entre Estados independentes e sinceros com a descolonização africana agrupados em torno do MPLA, e Estados submetidos ao imperialismo, reunidos atrás de Idi Amin Dada em plena e flagrante traição da Carta da OUA e tomado porta-voz dos interesses imperialistas que ambicionam as riquezas de Angola. A revolução guineense aguarda com confiança a decisão do vosso go-

verno de reconhecer o novo Estado independente de Angola, constituído pelo MPLA».

Trata-se de saber se ainda existem africanos dispostos a respeitar este personagem que, a meio de uma das crises mais graves da história africana, não renuncia aos seus ditos humorísticos do género: «Devemos estar prontos para combater sob o meu comando todos os inimigos estrangeiros...».

Mas será Idi Amin capaz de fazer a distinção mais elementar entre os amigos e os inimigos da África? Certamente que não, atendendo a que em 12 de Novembro — achincalhando mais uma vez a dignidade da África — enviou um mesmo telegrama a Gerald Ford, Harold Wilson e Mao Tsé-Tung felicitando-os «pelas suas atitudes correctas na questão angolana»!

«Estamos fartos — dizia em 13 de Novembro em Campala um delegado da conferência de conciliação da OUA — das lições e das fanfarronadas de um homem que quer «libertar» a África depois de ter passado toda a sua vida ou nas fileiras de um exército colonial ou nas tramas do neocolonialismo, desprovido de toda a coerência política, ideológica e moral. A África poderá aceitar fazer-se representar por Idi Amin Dada até à próxima cimeira em Junho de 1976?».

A questão é tanto mais urgente quando a sombria página da guerra de agressão em Angola está longe de ter sido voltada.

## RECONHECIMENTOS

No momento em que a África é chamada a escolher entre as forças que lutam para libertar o continente e o campo daqueles que o querem vender a baixo preço, não há lugar para os comparas nem para os bufões.

Entretanto, quais são as perspectivas da República Popular de Angola? Que estratégia diplomática e militar o «mundo livre» e os seus aliados vão seguir?

A proclamação da RPA é em primeiro lugar uma derrota psicológica para a «Santa Aliança» que se tinha engajado em esmagar o MPLA. A existência de um

Estado soberano e de um governo legítimo do povo angolano tornam a tarefa muito difícil à propaganda orquestrada no decorrer deste ano para atribuir dignidade e representatividade às formações tribelistas angolanas. No plano africano, os países que foram citados por Holden Roberto como seus «aliados» serão mais cedo ou mais tarde obrigados a desmentir-se não quiserem ser acusados de colusão com Pretória, perdendo assim toda a sua credibilidade.

No plano internacional, a temporização hipócrita do mundo ocidental só aumenta a significação do reconhecimento da RPA pelos países progressistas e revolucionários, como Cuba, a Argélia, a Síria, a Guiné, a Guiné-Bissau, Moçambique a Somália, os países socialistas da Europa — incluindo a Roménia e a Jugoslávia (que não podem ser suspeitas de «receber ordens de Moscovo») — e muito particularmente os dois Vietnamas.

O facto de os dirigentes vietnamitas cuja luta inspirou e guiou duas gerações de revolucionários no mundo não hesitaram um só instante em reconhecer o Estado dirigido por Agostinho Neto é uma grande vitória para o MPLA. É caso para fazer reflectir os responsáveis pela política exterior da China Popular. Será possível que os herdeiros de Ho Chi Minh no norte e no sul do paralelo 17 se enganem a propósito de uma luta de libertação nacional? Será possível que as forças progressistas africanas se deixem convencer que no seu continente o «hegemonismo» soviético constitui hoje um perigo mais grave que as tropas de Pretória, as armas e os dólares americanos, os fascistas portugueses e as colunas de mercenários?

Será do interesse do povo chinês ligar-se, aos olhos da África militante, às forças da contra-revolução em Angola,

PRESIDENTE LUIZ CABRAL

## Em breve ou a República

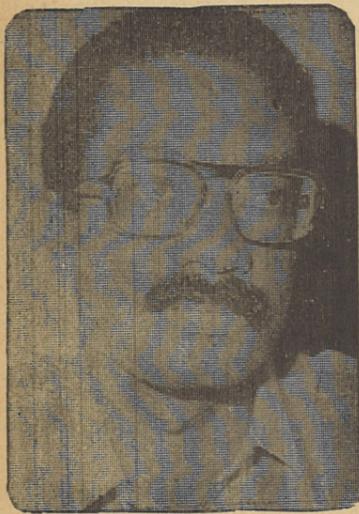
Apesar de a cimeira da OUA pouco ter adiantado quanto à questão angolana, os países que reconhecem o Governo da RPA vão continuar a manter contactos entre si e com os dirigentes angolanos no sentido de saberem, em cada momento, as medidas que devem tomar para garantir uma ajuda eficaz ao MPLA na sua luta de libertação da Pátria angolana.

Esta revelação foi feita pelo camarada Presidente, Luiz Cabral, no regresso da reunião de Addis Abeba, em declarações que prestou no aeroporto de Bissalanga. O camarada Secretário-Geral-Adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado, que se fazia acompanhar, tal como à ida, pelo camarada Pedro Pires, Primeiro-Ministro da República de Cabo Verde e chefe da delegação do País irmão, fez um resumo da reunião:

«Foram três dias de intenso trabalho mas não foi possível chegar a um acordo que respeitasse os princípios fundamentais que nós consideramos inseparáveis da OUA.

Nenhum africano que quer de facto a liberdade e dignidade do homem africano pode chegar a conclusões que não tenham em conta a questão fundamental de Angola que é a presença de tropas regulares da África do Sul em território angolano. Não se

# O MPLA apresenta à Imprensa mercenários capturados em Angola



Lopo do Nascimento, Primeiro-Ministro da República Popular de Angola

Três mercenários sul-africanos e dois portugueses, feitos prisioneiros em território libertado da República

Popular de Angola, foram apresentados à Imprensa durante uma conferência realizada pelo MPLA na passada segunda-feira em Addis-Abeba.

Os prisioneiros foram levados à capital da Etiópia pela delegação do MPLA conduzida pelo primeiro-ministro Lopo do Nascimento.

Lopo do Nascimento deslocou-se a Addis-Abeba para expor à reunião cimeira da OUA a posição do MPLA e do governo da República Popular de Angola e apresentar os mercenários aos participantes da reunião cimeira, como prova da intervenção estrangeira, designadamente da África do Sul, no seu país.

O primeiro-ministro angolano salientou que «o povo de Angola, após ter vivido sob uma prolongada opressão colonial, tinha iniciado uma dura luta de libertação nacional e é o primeiro a ver-se envolvido numa confrontação armada contra o regime racista da África do Sul». Lopo do Nascimento denunciou também a dupla invasão pelo Sul e pelo Norte de que é vítima o seu país por parte dos exércitos regulares da África do Sul e do Zaire, respectivamente, caracterizando ainda a situação do seu país pela agressão económica le-

vada a cabo pelos países imperialistas e conduzida pelos Estados Unidos.

«Quer sejamos ou não admitidos na OUA, continuaremos a nossa luta contra o imperialismo e contra o «apartheid» até libertarmos não só Angola mas sim todo o continente» — afirmou.

Referindo-se à agressão económica dos países imperialistas, Lopo do Nascimento afirmou: «Os imperialistas não aprendem com a História. Os Estados Unidos continuam a pensar que os países subdesenvolvidos não podem progredir sem a sua autorização».

Após terem sido apresentados à Imprensa, os mercenários prisioneiros responderam às perguntas dos jornalistas. Os dois mercenários portugueses afirmaram terem sido recrutados na Rodésia para combaterem contra o MPLA. Os três mercenários sul-africanos, todos atiradores de idades compreendidas entre os 18 e os 19 anos, afirmaram terem sido capturados no sul de Angola onde lutavam ao lado da UNITA e da UPA-FNLA.

## SAMORA MACHEL: «PLATAFORMA AFRICANA PARA COMBATER A ÁFRICA DO SUL»

DAR-ES-SALAM (AFP) — O presidente Samora Machel, Chefe de Estado de Moçambique, declarou na noite da passada terça-feira no decorrer de uma conferência de Imprensa realizada em Dar-Es-Salam, que «a invasão sul-africana em Angola era uma ameaça para a soberania africana».

As declarações de Samora Machel foram divulgadas ontem de manhã pela rádio nacional tanzaniana.

«A luta em Angola ir-se-á intensificando tanto que a África do Sul violará a independência do país» — afirmou Samora Machel.

O presidente moçambicano que havia assistido à cimeira da OUA em Addis-Abeba considerou que era «antes de tudo necessário forjar uma plataforma africana a fim de combater eficazmente a invasão sul-africana de Angola».

## MOBILIZAÇÃO ACELERADA NA ÁFRICA DO SUL

JOHANNESBURG (AFP) — As operações de mobilização das tropas sul-africanas prosseguem a um ritmo acelerado. Várias centenas de reservistas pertencendo ao sétimo regimento do Transval acabam de ser convocadas para períodos de treino intensivo de três meses, segundo informações de fontes militares sul-africanas.



NO REGRESSO DE ADDIS-ABEBA:

## Outros países reconhecerão Popular de Angola

chegou a nenhum acordo e a resolução foi adiada, contando-se 22 países que se mantiveram firmes na condenação da África do Sul. Era o mínimo que podíamos fazer. Julgo, no entanto, que ficou algo mais de positivo: o trabalho de informação sério junto de representantes dos outros países, tanto por parte dos camaradas do MPLA como por outros delegados africanos, no sentido de se estudar melhor o problema e verificar o que é que realmente está a passar-se em Angola. Em função deste trabalho, dentro de pouco tempo, outros países devem juntar-se a nós e poderemos, então, conseguir uma coisa justa que é a África admitir a República Popular de Angola no seio da OUA».

Segundo o camarada Luiz Cabral, o seu discurso tentou lembrar à África quais foram os nossos verdadeiros amigos no decurso da luta de libertação, para ajudar os países africanos a distinguir quem são hoje esses seus verdadeiros amigos e quais os inimigos.

«Quem confunde os amigos com os inimigos — disse-nos Luiz Cabral — está condenado a desaparecer mais dia menos dia toma o inimigo por amigo e é liquidado. na África, se queremos fazer alguma coisa de sério, se queremos que a África avance, temos de ter consciência quem é

nosso amigo e quem é nosso inimigo. Estamos abertos à cooperação com todos os povos do mundo, uma cooperação sã e frutuosa para as duas partes. Mas não podemos deixar de lembrar que se o nosso povo deu uma grande contribuição para a liquidação do colonialismo em África e do fascismo em Portugal, isso se deveu, também, à ajuda de países amigos. O nosso povo teve uma grande capacidade de resistência contra os colonialistas; mas se nós não tivéssemos tido amigos que nos forneceram meios para defender o nosso povo e fazer avançar a nossa luta, hoje o fascismo não tinha mudado em Portugal. Este foi um ponto que nos esforçamos por esclarecer, para acabar com a confusão de base dos que tentam equiparar a ajuda dos povos amigos de Angola à ajuda que os inimigos prestam aos traidores».

O camarada Luiz Cabral lembrou também que existe entre o camarada Agostinho Neto e os chefes dos movimentos fantoches que combatem o MPLA, em aliança com os racistas africanos e o imperialismo internacional.

«Contámos aos Chefes de Estado africanos que o MPLA existiu connosco desde a primeira hora da luta anti-colonial. O seu Presidente esteve preso em Angola, foi torturado pela PIDE, preso em Por-

tugal e em Cabo Verde e fugiu para continuar a luta. É impossível equipará-lo aos aventureiros que só são nacionalistas e se dizem patriotas para serem chefes. Nunca tiveram amor pela sua terra, nunca se sacrificaram, ficando anos e anos bem guardadinhos nas capitais africanas, comendo bem e vivendo bem. Aparecem agora como sendo os intérpretes dos desejos do povo angolano».

O camarada Presidente concluiu as suas declarações afirmando que «a libertação total da África é o objectivo principal com que foi fundada a OUA».

«Se não conseguimos a unidade à volta desse objectivo, como nos primeiros dez anos de vida, em que a organização desempenhou um papel decisivo na libertação das antigas colónias portuguesas, não poderemos fazer nada. A unidade africana passaria a ser, nesse caso, como uma religião, em que a gente se reúne uma vez por ano para fazer o seu culto e os seus discursos sem nada mais resolver de positivo. Todos temos consciência da necessidade de defender a OUA mas há que assentar numa base mínima de seriedade e fidelidade aos interesses de África para acabar com a exploração e a miséria em que os colonialistas e imperialistas nos deixaram».

O camarada Presidente foi aguardado no aeroporto de Bissalanca por numerosos responsáveis do Partido e do Estado, à frente dos quais se encontravam os camaradas Francisco Mendes e Nino Vieira, ambos membros do Secretariado Permanente do Comité Executivo de Luta do PAIGC.

PRESIDENTE SÉKU TURÉ:

## "PRETENDER MANTER O EQUILÍBRIO ENTRE O M.P.L.A. DUM LADO E A FNLA E A UNITA DO OUTRO É ESCOLHER OBJECTIVAMENTE O IMPERIALISMO, O COLONIALISMO E O FASCISMO"

(...) Afirmamos que não há em Angola três movimentos de libertação, mas um só movimento, o MPLA, o único partido de todo o povo angolano. Os outros — a FNLA e a UNITA — não passam de títeres do imperialismo. Quanto à ocupação de Angola por tropas da OUA, lembramos que no passado defendemos a constituição dum exército africano. Mas contra qualquer intervenção das tropas imperialistas nos territórios africanos sob domínio estrangeiro, e nunca contra um movimento de libertação que teve na independência os frutos da sua vitória.

Todavia, os governos reaccionários de África opuseram-se à formação de um tal exército de libertação e, hoje, quando o Governo português abandona Angola, requereu-se que Portugal transferisse o poder para a OUA e que esta enviasse tropas para ocupar Angola. Não será isto um insulto a todos os africanos?

Ninguém em particular ignora que Jonas Savimbi apareceu sob os cuidados e os auspícios dos interesses dos colonos portugueses e sul-africanos, cujo programa final era tornar Angola um «departamento português» a soldo do imperialismo. A UNITA refere-o com clareza no seu manifesto, sendo nessa condição que os seus delegados foram à ONU ao lado da delegação portuguesa.

É a isto que querem classificar como um movimento de libertação? Quantos metros quadrados foram libertados em Angola pela UNITA?

No concernente à FNLA, que deveria ter-se tornado um autêntico movimento de libertação, porque por nós foi significativamente apoiado e ajudado, não se bateu, igualmente, em nenhuma parte do território. O seu chefe, Holden Roberto, assentou arraiais fora de Angola, contentando-se com subsídios destinados aos combatentes para aumentar a sua fortuna pessoal, desviando em seu proveito os dinheiros enviados para reforçar a luta armada. Nunca agiu revolucionariamente no interior, e cremos que esse facto é por todos conhecido.

### A IMPOSSÍVEL RECONCILIAÇÃO

Quando não se quer tomar posição, pode simplesmente dizer-se: «Urge reconciliar os três movimentos». Mas um católico sincero nunca procurará reconciliar Satanás com Jesus.

Um muçulmano sincero jamais pretenderá reconciliar Maomé com o Diabo.

Os governos africanos que argumentam com exigências e pretextos de honra e de progresso para África, aqueles que alijam as suas responsabilidades na questão, todos os que são cúmplices das potências imperialistas nas suas típicas manobras de diversão e divisão, são precisamente os que sempre se recusaram a apoiar o povo angolano com explicações derrotistas, subjectivistas e confusionistas. Reclamam um governo de União Nacional como condição para o seu reconhecimento do Estado soberano de Angola. Denunciam o facto de Cuba, a URSS e outros revolucionários apoiarem o MPLA.

Esquecem propositadamente que as armas e as munições, os uniformes e os veículos utilizados pelos movimentos de libertação em

Angola têm sido generosamente cedidos por aqueles países. Pretendem colocar no mesmo plano de igualdade os Estados progressistas e os regimes fascistas da Rodésia e da África do Sul, amigos e inimigos da África. Isso são atitudes de demissão, até de traição consciente e deliberada, que visam desenvolver a confusão entre o MPLA e a UNITA e a FNLA, entre Cuba e a África do Sul, a independência e o neocolonialismo.

Exigir do MPLA que se entenda com a FNLA e a UNITA no seio dum governo «de união nacional», exigir isso, agora que a FNLA e a UNITA se aliam à África do Sul numa agressão armada contra Angola, agora que estão provados actos de chacina cometidos pelas tropas invasoras e dos dois movimentos citados, é estar deliberadamente do lado do imperialismo, é ajudar a mantê-lo em Angola, é querer introduzi-lo no próprio aparelho de Estado angolano. Pretender manter o equilíbrio entre o MPLA, dum lado, e a FNLA e a UNITA, do outro, entre os amigos do povo e os seus inimigos, é escolher objectivamente o imperialismo, o colonialismo, o fascismo, contra os amigos do povo angolano, contra a sua independência, contra todos os povos africanos, contra a justiça universal.

Confundir hoje na mesma reprovação, por um lado, a África do Sul, que agrediu militarmente Angola e a invadiu, e, por outro, os Estados que ajudaram diplomática, material e militarmente o povo angolano, o MPLA, o seu partido nacional o seu Estado independente, a resistir à agressão e a destruir as tropas coligadas da África do Sul, da UNITA, do colonialismo português e da FNLA, é escolher livremente a partilha de Angola, é escolher a reconcolização de todo o continente africano.

Há dois elementos que poderíamos e deveríamos examinar sem paixão, com objectividade: 1 — todos os movimentos nacionalistas das antigas colónias portuguesas constituíram um comité de coordenação que foi reconhecido pela OUA. Ora, a 8 de Novembro de 1975 esse comité reuniu-se em Lourenço Marques com a efectiva participação dos dirigentes dos movimentos de libertação que conquistaram a independência nacional nos seus países. Este comité dá todo o apoio ao MPLA e pede aos Estados africanos que apoiem unicamente o MPLA.

Isto três dias antes da independência de Angola. É um facto histórico que deve nortear a nossa posição; 2 — Que a UNITA e a FNLA se puseram em contacto com a África do Sul e a Rodésia não é segredo para ninguém, não só porque os jornais de todo o mundo noticiaram a agressão, mas também porque o próprio governo racista e colonialista da África do Sul informou o mundo de que intervém em Angola em nome da civilização ocidental e dos seus superiores interesses. Ian Smith e Vorster ajudam a FNLA e a UNITA por intervenção directa das suas tropas em Angola, ao lado de homens desses dois grupos.

Até a revista «Jeune Afrique» o reconhece. Basta saber dessa aliança para não se hesitar mais tempo no apoio ao MPLA. Se a

(Continua na pág. 8)

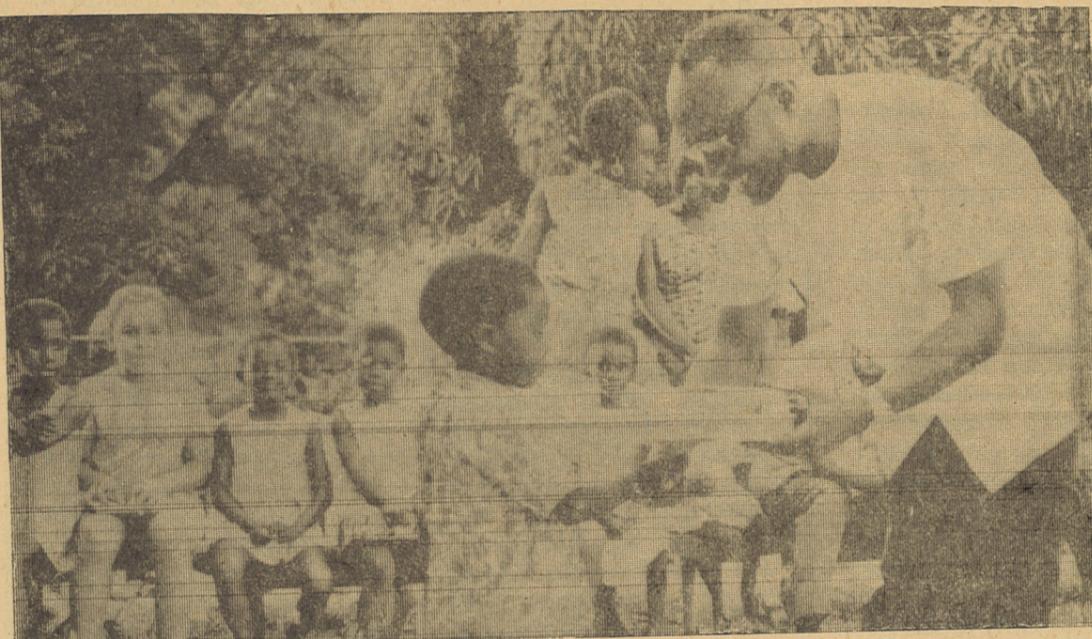


Os mercenários sul-africanos e portugueses apresentados à Imprensa pelo MPLA, durante a conferência realizada em Addis-Abeba. A participação estrangeira na agressão contra o território da República Popular de Angola ficou provada à comunidade africana pelas declarações dos mercenários que confessaram terem sido recrutados na Rodésia e na África do Sul para combater ao lado dos grupos fantoches da UPA-FNLA e da Unitá

# ANO I DA ORGANIZAÇÃO

Página semanal do Commissariado de Estado da Educação e Cultura

Convidamos todas as Escolas do nosso País a enviarem-nos relatos pormenorizados das actividades que desenvolveram, na semana dedicada aos **HERÓIS NACIONAIS**, a fim de, no próximo número, de-las darmos notícia.



## EDITORIAL

«ANO DA ORGANIZAÇÃO» é uma página que a partir de agora surgirá semanalmente, às quintas-feiras no nosso jornal.

«ANO UM DA ORGANIZAÇÃO» surge na semana em que em todo o nosso país se desenrola uma intensa actividade patriótica, para a recepção que se vai dar no próximo dia 20, à chegada do corpo do Fundador da Nacionalidade, do Combatente n.º 1, do nosso camarada Amílcar Cabral, isto, porque entendemos que a melhor homenagem que também nós lhe poderíamos prestar, seria esta, correspondendo ao apelo por ele tantas vezes feito, de que resistissemos culturalmente, de que fizéssemos mais e melhor para aumentarmos os nossos conhecimentos.

«ANO UM DE ORGANIZAÇÃO» será uma página que o Commissariado de Estado da Educação Nacional e Cultura, vai pois iniciar, como mais um passo em frente no caminho da batalha do Ensino e da Cultura, em que todos temos o dever de nos empenharmos, porque como é sabido, um povo será tanto mais livre quanto mais culto fôr.

Órgão de apoio à reorganização do ensino, às actividades de carácter cultural, à formação dos professores, à motivação pedagógica dos alunos, nas diferentes regiões do nosso país, a nossa página será tanto mais viva, tanto mais militante, quanto maior fôr a ajuda que todos os que, ligados ao nosso Commissariado lhe derem.

As escolas terão um papel importante aqui a desenvolver, devem entusiasmar os alunos a escrever e, ao mesmo tempo promover a sua leitura e discussão.

No âmbito das disciplinas de Português e de Formação Militante e nas actividades extra-escolares, elaborem notícias, façam reportagens, entrevistas, façam críticas e enviem-nas para o Departamento de Actividades Políticas e Extra-Escolares do nosso Commissariado.

Ao Camarada Amílcar Cabral, ao nosso Partido o P.A. I.G.C. Vanguarda Revolucionária da nossa Luta, e ao seu braço armado as gloriosas FARP dedicamos o nosso trabalho e, estamos certos que solidários connosco, os camaradas que agora nos leem, em breve corresponderão ao apelo que aqui fica feito: **COLABOREM**

## PARTIDO, PARTIDO, PARTIDO, MESMO SE EU MORRER FOI ISSO QUE APRENDEMOS NA LUTA

(Amílcar Cabral)

Quando recordamos todo o sacrifício desenvolvido, todo o sangue derramado para tornar a nossa terra livre e independente, podemos perguntar se valeu a pena. Esta pergunta simples tem também uma resposta simples: — SIM, VALEU A PENA!

Mesmo que hoje sejam muitas as dificuldades, sejam grandes os sacrifícios, mesmo assim, a resposta só pode ser essa. E porquê?

Pela mesma razão que leva o rio a correr por entre o mato, a dar voltas e mais voltas, para ir finalmente livre e cheio de força desaguar no mar.

A missão dos povos é essa mesma, atravessar dificulda-

des, ultrapassar obstáculos, para finalmente livres de toda a exploração, atingirem a sua liberdade.

Para nós, Povo da Guiné e de Cabo Verde, que já vimos atingida uma das nossas maiores aspirações — a nossa terra liberta do jugo colonialista português — não vimos no entanto ainda alcançados todos os nossos objectivos. E isto não só porque não tivemos tempo de reconstruir a nossa economia, para reorganizar o nosso ensino, para melhorar a assistência, não só porque temos falta de pessoas qualificadas para o desenvolvimento que pretendemos dar à nossa terra, as dificuldades mais duras, são as que temos tido com os que não se empenharam na luta e que hoje ainda, se recusam a entrar nela.

São as dificuldades criadas pelos estudantes que não estudam e que vivem dia-a-dia na boa vai ela.

São as dificuldades criadas pelos trabalhadores que não trabalham e que ganham o dinheiro do povo sem o merecerem.

São estas e outras as dificuldades que hoje temos de vencer para como o rio, poderemos também nós atingir o mar da nossa liberdade. Precisamos continuar a luta em que há 20 anos nos empenhámos.

Mas, camaradas «para acreditar na luta é preciso conduzi-la, é necessário desenvolver todos os esforços e aceitar os sacrifícios necessários. A luta não é feita de palavras mas pela acção quotidiana-organizada e discipli-

nada com todos os elementos válidos» (A. Cabral) e, para isso temos que nos mobilizar todos em volta do nosso Partido, porque camaradas, tal como o Fundador da Nacionalidade disse há ainda quem «**não tem coragem de gritar Partido com força, de encorajar Camaradas do nosso Partido, que é a nossa vida, a nossa alma. Foi na luta que nós todos aprendemos isso: ser capazes de morrer, em defesa dos interesses do Partido.**»

E os interesses do Partido são os interesses do nosso Povo, Liberdade, Paz, Progresso e, quem não lutar pelo Partido, não está portanto a lutar pelo Povo, não pertence ao Povo.

Só assim poderemos ser dignos dos nossos Heróis, dos que tombaram dando a vida pelo nosso ideal de Libertação. Vamos festejar os **HERÓIS NACIONAIS** e a melhor forma de o fazermos é sermos dignos continuadores da sua luta. As palavras que para eles poderíamos dizer são as que o nosso saudoso Camarada Amílcar Cabral, Fundador da Nacionalidade e militante n.º 1 do nosso grande PAIGC disse: «**Devemos falar também de Domingos Ramos. De Vitorino Costa, Bueta Na Fantchama, do Pansau Na Isna, do Vitor Silva, do Bacar. De outros tantos, camaradas, que caíram na luta, pelo Partido, pelo nosso povo... Tudo isso constituirá motivo para a história do nosso Partido e da nossa luta que alguém terá que escrever um dia.**»

## ESCREVE SOBRE ...

Na nossa página, esta rubrica é para ti jovem estudante, é para ti jovem trabalhador. Todos os meses te daremos uma sugestão para um artigo que poderás escrever e depois enviar para o Departamento de Actividades Políticas Extra-Escolares do Commissariado de Estado da Educação Nacional e Cultura.

Aquele que fôr considerado o melhor artigo, será publicado nesta página e ao seu autor será atribuído um livro.

O primeiro tema será o seguinte:

«No período da luta de libertação contra o colonialismo português o nosso saudoso Camarada Amílcar Cabral visitou a nossa Escola Piloto onde lhe foram apresentados os alunos da melhor turma. O nosso Camarada Amílcar Cabral após os ter cumprimentado a todos, dirigiu-se para o quadro onde então escreveu: **Os bons estudantes são como os bons combatentes, são os melhores militantes do nosso grande P.A.I.G.C.**»

Será sobre esta frase; sobre o significado que ela encerra sobre o que ela terá que representar para todos nós, que tu camarada pode-

rás escrever. Envia-nos o teu artigo até ao próximo dia 20. NO PINTCHA!

## ALFABETIZAÇÃO

Todos nós falamos da Reconstrução Nacional. Todos nós nos preocupamos com a paz e o progresso do nosso país e do nosso Povo. Por isso, todos nós conscientes das consequências sociais e económicas trazidas pela presença colonial, sabemos enfrentar as tarefas gigantescas que teremos de levar a cabo.

No entanto, saberemos realizar essas tarefas, ainda melhor, se estivermos absolutamente alertados para o elevado índice de analfabetismo existente entre nós. A tarefa da Reconstrução Nacional não é realizável, enquanto ao teu lado, ao nosso lado, houver quem não saiba ler nem escrever.

E é lutando, camaradas é lutando a cada hora, a cada minuto; é eliminando aquilo que o colonialismo esteve sempre interessado em manter; é ensinando e aprendendo; é alfabetizando em cada canto, os cantos da nossa terra que podemos preparar unidos, o caminho rumo à paz, ao progresso e ao bem-estar do nosso País e do

nosso Povo.

O nosso Partido e o nosso Estado põe nas nossas mãos uma das mais altas responsabilidades, comprometendo, homens e mulheres, novos e velhos na tarefa de ensinar a quem sabe menos, de ensinar a lutar com uma nova arma contra a ignorância, contra o analfabetismo.

Alfabetizar e ser alfabetizado significa participar consciente e politicamente na marcha vitoriosa da total libertação de cada um e de todos os filhos da nossa terra, agora no caminho da Reconstrução Nacional.

Especialmente para ti, jovem, serás indispensável na realização deste objectivo.

Terás de assumir a responsabilidade que te cabe; terás de responder ao desafio da construção de um futuro aberto para a paz e o progresso de todo o nosso povo.

Uma por uma, iremos ganhando as batalhas. A batalha contra o analfabetismo, essa também a ganharemos, com a tua ajuda desinteressada.

## CONSELHO SUPREMO DA REVOLUÇÃO MALGACHE

TANANARIVE (AFP) — Durante uma cerimónia solene no palácio de Antaninarenina, o Presidente Didier Ratsiraka apresentou à Imprensa os membros do Conselho Supremo da Revolução, composto de doze membros, e a lista dos ministros do novo Governo, presidido pelo coronel Rakotomalala, em número de dezoito.

Pela constituição, o Conselho Supremo da Revolução «é guardião da revolução socialista malgache e assiste o Presidente da República a concepção, orientação e controle da política geral do Estado».

## Portugal: A eleição do presidente por sufrágio universal

### - anuncia - se em círculos ligados ao Conselho da Revolução

LISBOA (AFP) — A eleição do presidente da República por sufrágio universal é já praticamente um facto consumado mas o «retorno dos militares às casernas» suscita sempre uma forte polémica no seio das forças armadas, indica-se na terça-feira, nos meios próximos do Conselho da Revolução.

O Conselho que se reuniu na segunda-feira de tarde, terminou os seus trabalhos à noite. Um comunicado lacónico, difundido na terça-feira de manhã, limita-se a dar os grandes temas tratados durante a reunião: revisão do pacto M.F.A./partidos e definição dos objectivos fundamentais das forças armadas.

O Partido Socialista, o PPD e o CDS pronunciaram-se no fim de Dezembro a favor de uma eleição do presidente da República por sufrágio universal directo.

O PCP tinha deixado entender

que, para ele, o período não correspondia ainda a instauração de uma democracia baseada nos partidos e que convinha conservar ao Movimento das Forças Armadas e ao Conselho da Revolução o papel de dirigentes do país. Os comunistas não desmentiram todavia as informações publicadas recentemente pela imprensa local, segundo as quais participariam finalmente na escolha presidencial.

O Conselho da Revolução estará igualmente de acordo para que o chefe do Estado seja eleito pela totalidade dos portugueses, declarou-se na terça-feira de manhã de fontes próximas do Conselho da Revolução.

Restará ainda decidir a data e a forma desta eleição presidencial. «Eleição em duas etapas», preconiza-se nos meios socialistas, «a fim de evitar a experiência chilena de um presidente minoritário».

Quanto à data, alguns pretendem juntá-la com as eleições legislativas que se devem realizar «antes de 25 de Abril de 1976».

Mas as eleições simultâneas criariam o problema das alianças electoriais, muitas vezes diferentes quando se trata de eleições presidenciais ou legislativas, fez-se notar nos meios da esquerda portuguesa. Por outro lado Portugal caro ao Estado e fátiga o eleitorado municipal. Esta multiplicidade de eleições poderá custar muito caro ao Estado e fátiga o eleitorado, soube-se da mesma fonte. Se a eleição do presidente da República por sufrágio universal é agora uma coisa praticamente consumada, «o regresso dos militares às casernas» continua a provocar grande controvérsia no seio do C.R.»

O P.S., o PPD e o CDS que o Conselho, actualmente órgão supremo do executivo, tem um simples papel consultivo e de defesa da Constituição, ao que se opõem categoricamente o P.C. e seus aliados do M.D.P.

De fonte geralmente bem informada, indica-se que vários membros do C.R. consideram como prematura a saída do M.F.A. da cena política e se pronunciam pela permanência do C.R. como órgão supremo do poder político-militar.

## O Conselho de Segurança das Nações Unidas convida a O.L.P. a participar nos debates como membro de pleno direito

NAÇÕES UNIDAS (AFP e TASS) — O Conselho de Segurança, por onze votos contra um (dos Estados Unidos), e três abstenções (França, Grã-Bretanha, Itália) convidou a OLP (Organização para a Libertação da Palestina) a participar nos seus debates com os mesmos direitos que qualquer Estado membro da ONU. O Conselho tinha

aberto na segunda-feira os debates sobre o problema do Médio-Oriente. Depois de uma exposição do representante da Palestina, Farouk Kadoumi, que pediu o reconhecimento e o cumprimento dos direitos nacionais do povo palestino, o presidente do Conselho de Segurança, Salim Ahmed Salim (Tanzânia), abriu a sessão.

O Conselho de Segurança prossegue o exame do problema do Médio-Oriente. Ahmed Abdel Maguid, representante da República Árabe do Egipto, sublinhou perante a assistência que «o reconhecimento do direito inalienável do povo palestino à autodeterminação nacional é uma condição «sine qua non» da instauração da paz no Médio-Oriente».

Foi aprovada entretanto a proposição formulada pelo Governo Soviético a propósito da reabertura da conferência de paz em Genebra sobre o Médio-Oriente constatando que esta «iniciativa construtiva está marcada pelo realismo e pelo desejo de estabelecer a paz nesta região». O representante do Egipto declarou-se favorável à participação nos trabalhos da conferência de Genebra de todas as partes interessadas, incluindo a OLP (Organização de Libertação da Palestina).

### Samora Machel

#### A reunião da O.U.A. foi um teste

DAR-ES-SALAAM (TASS) — A sessão extraordinária da assembleia da OUA foi um teste. «Ela mostrou os que apoiam a luta de libertação dos povos do continente e os que estão ao lado dos seus inimigos», declarou Samora Machel à chegada a Dar-Es-Salaam, ido de Addis Abeba. No decurso dos trabalhos da assembleia, salientou o presidente da Frelimo e da República Popular de Moçambique, tentou-se elaborar uma posição comum face a Angola e da luta contra os seus inimigos, mas as posições dividiram-se.

O presidente moçambicano sublinhou que os países socialistas foram sempre os verdadeiros aliados e amigos dos movimentos patrióticos, ao contrário das potências ocidentais, que nunca apoiaram os movimentos de libertação.

te foram vigorosamente contestadas por Muaffa Allaf, representante da República Árabe da Síria.

## Os últimos soldados espanhóis evacuaram o Sahara Ocidental

EL AYOUNE (AFP) — O último soldado espanhol deixou na segunda-feira Dakhla (antigamente Villa Cisneros), e pouco depois o general Salazar que era governador-geral do Sahara Ocidental partiu por sua vez.

Uma coluna maritânica vinda para ocupar Dakhla está às portas da cidade. Mas, segundo um testemunho ocular a coluna ainda não penetrou. A cidade está com efeito ocupada desde quinta-feira pelas tropas marroquinas como tinha anunciado o coronel Dlimi, comandante marroquino da região sul.

### COMUNICADO MILITAR DA FRENTE POLISÁRIO

ARGEL (AFP) — A Frente Polisário declara ter morto 68 soldados marroquinos e ferido 82 outros durante o período ido de 1 a 31 de Dezembro último, num comunicado publicado em Argel.

Estas perdas marroquinas, às quais se acrescenta a destruição de uma vintena de camiões e de uma dezena de auto-metralhadoras, precisa o comunicado da Polisário, fo-

ram sofridas pelas tropas marroquinas no Sahara Ocidental durante numerosas emboscadas e ataques desencadeados no norte do território sahariano pelos elementos armados deste movimento.

No que respeita às operações contra as tropas mauritanianas, a Frente Polisário afirma no seu comunicado que de um ataque desencadeado em 24 de Dezembro em Bir Moghrein resultaram 5 mortos e 12 feridos entre os militares mauritanianos, e a explosão de uma mina a alguns quilómetros desta cidade, destruiu um «Land Rover» dentro da qual se encontravam um oficial e três soldados mauritanianos, mortos pela explosão.

A Polisário declara igualmente ter morto 12 soldados mauritanianos e ferido 17 outros em Ain Bentili, entre 22 e 26 de Dezembro e assinala seis mortos e dez feridos nas fileiras mauritanianas na cidade portuária de La Guerra em 29 de Dezembro durante uma operação levada a cabo pelos guerrilheiros saharianos contra as forças mauritanianas estacionadas nesta cidade.

### KISSINGER VAI A MOSCOVO

MOSCOVO (TASS) — Henry Kissinger, secretário de Estado norte-americano, visitará a União Soviética de 20 a 23 de Janeiro, para prosseguir a discussão de assuntos de interesse para os dois países, segundo foi anunciado em Moscovo.

### CASO BEN BARKA

PARIS (TASS) — O Ministério Público do Tribunal de Paris abriu um inquérito sobre a morte de Ben Barka, líder da oposição marroquina assassinada na capital francesa. A abertura do processo foi requerida pelo filho de Ben Barka, que estuda em Paris.

### GOVERNO DO PERÚ CONTROLA A CULTURA

LIMA (TASS) — O governo peruano proibiu a importação de literatura e de jornais do Ocidente, que sejam contrários às normas morais da sociedade, à cultura e à história nacionais, ou que prejudiquem a educação da jovem geração. A proibição atinge sobretudo certas publicações provenientes dos Estados Unidos da América.

### NOVO GOVERNO NA LIBÉRIA...

FREETOWN (TASS) — Segundo informações de Monróvia, William Richard Tolbert, presidente da República da Libéria, anunciou a comunicação da nova equipa governamental. O general Garry Grives ficará com a pasta da Defesa, Cecil Dennis com a dos Negócios Estrangeiros. James Phillips, antigo ministro da Agricultura, é nomeado ministro das Finanças e A. Holms, ministro das Minas e das Terras. David Franklin Neal dirigirá o ministério da Planificação e da Economia e Gabriel Tucker o das Obras Públicas.

### ...NO EQUADOR...

QUITO (A.F.P.) — O Conselho Supremo do governo do Equador, que tomou o poder no domingo, nomeou os novos ministros, dos quais oito são militares e três civis. O presidente do Conselho, vice-almirante Alfredo Poveda, afirmou que o regresso ao poder dos civis poderia ocorrer dentro de dois anos, se o povo, os dirigentes políticos e a Imprensa dessem provas de cooperação e as circunstâncias fossem favoráveis.

### ...E NA ITÁLIA

ROMA (AFP) — O presidente do Conselho demissionário, Aldo Moro, foi encarregado pelo presidente da República, Giovanni Leone, de formar o novo governo. A sua demissão foi provocada pela retirada do Partido Socialista. Segundo a fórmula habitual, Aldo Moro reservou-se aceitar, encontrando-se na estranha situação de sucessor de si próprio.

### MORREU RAZAK

KUALA LUMPUR (TASS) — O primeiro ministro da Malásia, Tun Abdul Razak morreu ontem numa clínica privada de Londres, foi anunciado oficialmente em Kuala-Lumpur.

### EDUCAÇÃO TÉCNICA EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES (TASS) — Foi publicado nesta cidade o comunicado final do Seminário Nacional consagrado aos problemas da educação técnica, em Moçambique. O documento sublinha que faltam especialistas no país na sequência da política intencional dos colonizadores portugueses. Moçambique, que pretende construir uma sociedade evoluída, tem necessidade de um novo sistema de formação de especialistas, mais do que o ensino académico, é necessária a educação política.

**ADDIS-ABEBA  
UM ACONTECIMENTO**

(Continuação da 1.ª pág.)

materializou portanto depois da invasão do Sul de Angola por uma coluna blindada do exército regular da União Sul Africana que atingiu Moçâmedes, Sá da Bandeira, Lobito e Benguela, antes da data da proclamação da independência do país.

A aberração nesta conferência residia precisamente na tentativa de impôr à OUA uma justificação da aliança entre a África do Sul e os traidores angolanos de estabelecer um paralelo entre a presença dos racistas em Angola e da ajuda cubana e soviética. Ora, durante o mais acedo das guerras de libertação das antigas colónias portuguesas, uma missão da OUA foi enviada à União Soviética e a outros países socialistas para, em nome da Organização, agradecer a ajuda já fornecida aos movimentos de Libertação e pedir para a reforçar. «Nunca delegação alguma da OUA foi enviada à África do Sul para fazer um tal pedido, até porque esse país esteve sempre do lado português para perpetuar o regime colonial», como lembrou um delegado.

O malogro da Cimeira da OUA tem muita importância para nós, africanos, e vai ter seguramente repercussões no futuro imediato do Continente. Se fossemos pessimistas, diríamos que a África do Sul é a única que sai vencedora dos debates tempestuosos que tiveram lugar em Addis-Ababa, porque aos olhos de um profano é inimaginável que numa conferência de Chefes de Estado Africanos não se tenha chegado a unanimidade nem sequer para condenar sem equívocos, o país do «apartheid».

Vendo, porém, o problema sob outro prisma, pensamos que a reunião da cimeira da OUA teve um carácter positivo. Pela primeira vez, diante de um problema verdadeiramente sério, a África mostrou a sua verdadeira cara. A OUA revelou-se o que ela é na realidade, uma Organização que aparentava a unidade só porque até aqui os problemas eram ou de menor importância ou alheios ao continente, mas que é inapta para defender os verdadeiros interesses da África.

Por outro lado, se vimos a lista dos dois grupos de países pró e contra a República Popular de Angola, somos obrigados a felicitar o MPLA por ter conseguido granjear o apoio e a confiança dos países de África, que de uma maneira ou de outra se têm batido por uma verdadeira independência dos povos africanos sem compromissos de qualquer espécie.

O malogro da Cimeira da OUA de Janeiro de 1976 vai fazer reflectir muita gente. Se nós devêssemos resumir o que aprendemos nesta reunião diríamos apenas: vigilância, camaradas-

**Comissão de Prédios**

(Continuação da pág. 2)

saldos positivos apurados a favor de cada um deles, visto que tais depósitos transitarão para a conta e à ordem desta Comissão.

As contas correntes devem respeitar ao período de Outubro de 1974 a 31 de Janeiro de 1975.

A Secretaria da Comissão funciona no Comissariado de Estado da Justiça.

**PRESIDENTE LUIZ CABRAL EM ADDIS-ABEBA:  
«Para libertarmos o nosso país  
foi necessário que os países  
socialistas nos enviassem armas»**

(Continuação da 1.ª pág.)

«Mas, senhor presidente e caros irmãos, nós não temos confusões nas nossas cabeças. Estamos certos e quem são os nossos amigos e quem são os nossos inimigos. Sabemos bem que fazer sair os amigos de um país, é muito simples: basta pedir-lhes. Mas sabemos que é muito difícil expulsar os inimigos: tivemos que fazer 11 anos de luta para conseguir expulsar as tropas coloniais portuguesas e libertar totalmente o nosso país. Por isso, não confundimos os amigos com os inimigos!»

«Quando vimos as tropas sul-africanas invadir Angola e o M.P.L.A. denunciar esse facto, não houve reacções na O.U.A. As forças sul-africanas ocuparam Sá da Bandeira, Benguela, Lobito, Moçâmedes, e não houve nenhuma reacção da parte da África! É pena que a nossa consciência de africanos tenha estado tranquila, porque não posso conhecer que se fale da África, do Homem africano, da consciência africana, sem pensar antes na libertação da África!»

«Mas, começamos a conhecer bem a O.U.A. e a África, começamos a conhecer melhor as nossas fraquezas, que são muito grandes: nem sequer podemos condenar unanimemente, a África do Sul, porque existem ainda países cujo desenvolvimento económico depende da África do Sul. Mas, estamos também conscientes que, antes dos princípios terem sido vendidos, a África do Sul era o pior inimigo dos povos africanos. Estamos seguros que, se tivéssemos verdadeiramente consciência do que afirmamos antes, teríamos encarado a sério a ameaça da África do Sul, muito mais perigosa para a África do que a do sionismo para o mundo árabe, e teríamos tomado a mesma decisão que os nossos irmãos árabes, quando as suas terras foram ocupadas pelo sionismo. Mas não houve nenhum país africano que tivesse ajudado Angola a expulsar as tropas sul-africanas, em nome da África! Nem um só!»

**Presidente Séku Turé  
A situação em Angola**

(Continuação da página Central)

África do Sul e a Rodésia ajudam esses movimentos é por saberem que um regime progressista instaurado em Angola ajudaria a Namíbia. Se a Namíbia for libertada, a Rodésia não poderá continuar a resistir. E se o Zimbábwe e a Namíbia forem libertados, o apartheid está condenado a desaparecer. Por isso, toda a Europa imperialista ajuda a FNLA e a UNITA, que poderiam servir de tampão aos movimentos de libertação da África Austral.

A rádio da África do Sul fala claramente das razões que a levam a apoiar a FNLA e a UNITA. E nós vamos ficar à espera até mais ver? Ver o quê? Esperar pelo quê? Todos podemos ter tempo para reflectir quando se trata de fazer uma escolha entre dois ou três indivíduos.

Mas aqui o problema é do povo angolano, da independência nacional de Angola, da sua integridade territorial, da soberania do seu povo. Hoje trava-se em Angola a ba-

«Hoje, estamos aqui a confundir aqueles que vão voluntariamente ajudar o povo angolano a combater os inimigos da África, com os nossos inimigos! Mas nós conhecemos bem os nossos inimigos, aqui. E se não pudermos seguir o exemplo daqueles que vão ajudar o povo angolano, o Governo da República Popular de Angola, prontos a morrer pela causa da libertação da África, não é honesto confundir essa ajuda com a invasão de Angola pela República Sul Africana, salvo se existir alguém nesta sala que pretenda que o Sul de Angola é um protectorado da África do Sul. Nós vimos o que os racistas fizeram na Namíbia: apesar de todas as condenações das instâncias internacionais, eles recusam-se a abandonar a Namíbia, que ocupam ilegalmente. Os racistas avançaram até ao centro de Angola e nós dizemos há «um perigo comunista, um perigo soviético!»

«Mas, que povo aqui foi explorado pela União Soviética? Qual o povo aqui explorado pelos cubanos? Se os nossos amigos e irmãos de Cuba se dão totalmente para auxiliar o povo angolano a libertar-se da África do Sul, eu pergunto: — Quem duvida aqui que os cubanos não fuerem os diamantes de Angola, nem o petróleo de Angola?»

«Eu repito, senhor presidente, que para nós não há confusão entre os amigos e os inimigos. Porque, ao lado da África do Sul, vemos todos os nossos inimigos de ontem: os oficiais do exército colonial português que não estão de acordo com a descolonização da África e que abandonaram Portugal para se juntar à FNLA e à UNITA; vemos ao lado da FNLA outras forças estrangeiras, sob o comando do coronel Santos e Castro, do exército colonial português, avançar até 20 quilómetros de Luanda! Nós sabemos que são os nossos inimigos de ontem que estão lá, os inimigos de Angola que ontem se bateram ao lado dos portugueses, que ajudaram os portugueses. Que ninguém nos venha dizer que conquistaram a indepen-

dência dos nossos países para nos oferecerem!»

«Penso que o maior sacrifício no quadro dos países vizinhos das antigas colónias portuguesas foi o do povo irmão da República da Guiné, que foi vítima de uma agressão selvagem pelas forças fascistas e colonialistas portuguesas que invadiram a sua capital, com o objectivo de derrubar o regime revolucionário do PDG. e instalar um regime fantoche favorável aos colonialistas portugueses. Certamente, se o povo irmão da República da Guiné, dirigido pelo seu Partido, não tivesse resistido heroicamente e expulsado imediatamente as hordas colonialistas portuguesas talvez hoje ouvíssemos aqui a voz daqueles que invadiram Conakry para defender a liberdade da África...»

«Não confundimos os nossos amigos com os nossos inimigos. Quero comunicar-vos que os nossos irmãos da República Popular de Angola trouxeram aqui três prisioneiros sul-africanos e três portugueses mercenários: esses são os nossos inimigos! São esses os nossos inimigos!»

«Independentemente das nossas fraternais relações com o MPLA, sabemos que o MPLA é o único movimento nacionalista criado em Angola, o único, porque todos os outros foram criados sempre no exterior do país, às vezes pelo oportunismo de certos indivíduos com laços com os nossos países, que passaram o tempo a gastar dinheiro e a gozar a vida, à espera do momento para apanharem uma parte do «bolo». Nós sabemos que o MPLA foi o único movimento criado em Angola e, por isso mesmo, os outros dirigentes não entraram em Luanda, apesar de todas as portas lhes terem sido abertas. Apesar de terem enviado milhares de homens até Luanda, não ousaram entrar! O povo de Angola, o povo de Luanda, a capital com mais de seiscentos mil habitantes, não os conhece.»

«Mas nós sabemos quem é o Dr. Agostinho Neto, nosso camarada, nosso companheiro desde os primeiros momentos da luta. É um dos pioneiros da luta contra o colonialismo português. Foi preso em Angola, pela PIDE, torturado, deportado para Cabo Verde onde esteve também detido, transferido para Portugal onde conseguiu fugir e juntar-se a nós, para prosseguir o combate contra o colonialismo português! É por isso que mais de cem mil angolanos vieram receber o Dr. Agostinho Neto, em Luanda, como seu líder, seu dirigente, seu filho, um dos melhores filhos de Angola.»

«Porque é que aqueles que passaram todos estes anos a arranjar dinheiro e a fazer os seus estudos em universidades no estrangeiro, aqueles que colaboraram com os colonialistas portugueses, foram reconhecidos pela O.U.A. como movimentos de libertação, nestes últimos dois anos? Porque a OUA nunca aprofundou o problema da luta dos povos das colónias portuguesas. Raro é o estado africano que estudou convenientemente o «dossier» da luta dos povos das colónias portuguesas!»

«Mas hoje eu sei que ninguém aqui poderá parar a guerra em Angola. Nós enganamo-nos ao falar de cessar-fogo. Quem é que nos garante o cessar-fogo, quando a África ainda está ocupada, quando existe a África do Sul, a Namíbia, o Zimbábwe e uma parte de Angola está ocupada pelos racistas sul-africanos. Nós choramos aqui

aqueles que morrem em Angola, os nossos irmãos que tombam em Angola! Choramos — quem vos fala é um combatente da liberdade, um combatente contra o colonialismo português mas nós não choramos os mortos pela independência dos nossos países, pela liberdade das nossas terras, não os choramos!»

«E, agora, falando-vos como dirigente da Guiné-Bissau, digo-vos que nós, os combatentes da Guiné-Bissau, estamos prontos a ir morrer em Angola, pela liberdade de Angola!»

«Senhor Presidente, queria dizer que os nossos povos, das antigas colónias portuguesas, receiam, hoje, a posição tomada pela África. Sabemos que devemos reforçar a nossa segurança e estar mais vigilantes do que nunca, porque aqueles que se batem contra a República Popular de Angola, se vencerem em Angola, virão até ao nosso país e a Moçâmbique. Os oficiais portugueses nostálgicos do colonialismo virão aos nossos países, porque têm cachorros africanos nas fronteiras à espera de oportunidade para criar incidentes.»

«Mas, em cada dia que passa, preparamo-nos com o auxílio dos países socialistas, porque são eles que nos ajudam a preservar a nossa independência e foram eles que nos deram os meios capazes de tornar reais as decisões que vocês tomaram aqui na O.U.A. Temos muita admiração por essas decisões, por todos os esforços de cada um dos estados que nos ajudou no nosso combate contra o colonialismo. Agradecemos e dizemos que eles participaram activamente e de forma mais útil no nosso combate contra o colonialismo português. Mas, se nós tivéssemos a possibilidade de combater e morrer de armas nas mãos e de libertar completamente os nossos países, foi porque os países socialistas ou viram o apelo da O.U.A. e nos enviaram armas, para que pudéssemos bater-nos contra os colonialistas!»

«Quero que choremos, mas que choremos os irmãos da África do Sul que morrem sem ter uma arma na mão para se baterem pela sua liberdade, que estão sob as botas dos racistas da África do Sul, que nada podem fazer senão sofrer e morrer! É por eles que a O.U.A. deve chorar e não por aqueles que se batem corajosa e heroicamente por uma África digna, livre, não-alinhada e aberta ao Progresso!»

**ÚLTIMA  
HORA  
PRINCIPIARAM  
AS NEGOCIAÇÕES  
PORTUGAL - GUINÉ-BISSAU**

LISBOA (ANOP) — «As negociações com Portugal têm-se arrastado mas estamos convencidos que desta vez, e após a visita a Bissau do ministro Vítor Crespo, serão tomadas decisões no sentido de ultrapassar certas dificuldades que surgiram até aqui. Arrastar negociações coloca em cheque a situação que nós temos apregoado e que é de boa vontade e colaboração com o povo e o Governo português», declarou o camarada Vasco Cabral, membro do CEL do Partido e Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação, ao chegar a Lisboa à frente da delegação do nosso Governo que vai travar a quarta fase das negociações bilaterais com o Governo português.